



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

Senna Garraffoni, Renata

Classica on-line: os desafios do encontro dos volumes impressos com o mundo digital

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 33, núm. 2, 2020, pp. 253-256

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770922014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

CLASSICA ON-LINE: OS DESAFIOS DO ENCONTRO DOS VOLUMES IMPRESSOS COM O MUNDO DIGITAL

CLASSICA ONLINE: THE CHALLENGES OF MEETING
PRINTED VOLUMES WITH THE DIGITAL WORLD

Renata Senna Garraffoni*

*Professora
Associada,
Departamento
de História,
Universidade Federal
do Paraná.

Recebido em: 23/06/2019

Aprovado em: 14/07/2019

resenna93@gmail.com



O trabalho acadêmico tem muitas facetas, isso não é segredo para ninguém. Algumas são mais visíveis e outras nem tanto. Ao longo de minha trajetória encontrei uma pouco mencionada entre os estudiosos, mas que me encantou: ser editora de periódico científico. É um trabalho silencioso e de paciência, que lida com vários aspectos da produção de um texto – recepção do trabalho dos/as autores/as, encaminhamento para pareceristas, contato com diagramadores –, além de aspectos formais, como fomento, indexadores, exigências de qualidade nacionais e estrangeiras. Ou seja, quem realiza esse trabalho sabe a quantidade de e-mails trocados com colegas que, provavelmente, nunca conheceremos pessoalmente, mas que nos permitem mudar a forma de olhar para as publicações.

Minha entrada nesse mundo se deu pela revista *História: Questões e debates* do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Na ocasião, foi um imenso aprendizado, em especial por essa imersão no mundo dos textos, seu preparo e circulação. Participar de um processo que permitia o acesso ao conhecimento de ponta produzido nas universidades brasileiras e estrangeiras, ao debate de ideias de maneira mais direta foi, de fato, uma experiência que mudou minha relação com a escrita e sua forma de apresentação ao mundo. Creio que tenha sido por isso que, quando Gabriele Cornelli me convidou, em 2011, para fazer parte da chapa que estava montando para a presidência da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (2012-2013), aceitei com muita alegria: sabia que um dos trabalhos como vice-presidente seria com a *Classica*.



Sempre admirei a *Classica* e vi no convite uma oportunidade especial para contribuir não só com a revista, mas com a área à qual sempre me dediquei, os estudos clássicos. E tínhamos um imenso desafio pela frente: publicar os números que faltavam para sua atualização e propor sua transição do papel para o mundo digital. Esse processo foi, sem dúvida, interessante, pois implicava uma reorganização na forma de apresentar o conteúdo aos leitores e leitoras, habituados/as com a experiência do papel e do encontro com a revista física entregue pelos correios. Era necessário, portanto, manter a história da qualidade e importância da *Classica* de papel na plataforma digital.

Essa transição pelas quais passaram tantos periódicos científicos é objeto de atenção há algum tempo de Roger Chartier. Como já afirmou Ana Elisa Ribeiro (2016, p. 101), Chartier tem desenvolvido análises importantes sobre transformações das práticas de leitura, novos tipos de publicação e redefinições da identidade e da propriedade das obras. De fato, em um texto recente, Chartier (2018) discute como o mundo digital provocou uma ruptura radical com relação à escrita e sua circulação, pois a tela do computador como suporte permite o acesso a diferentes tipos de textos que, em sua materialidade, eram diferentes objetos. Além disso, permite uma leitura descontínua, busca por palavras-chave, ou seja, o texto eletrônico, na reflexão de Chartier, tem mobilidade.

No que tange aos periódicos científicos, ainda nesse artigo mais recente, Chartier destaca o ponto mais positivo da entrada da escrita acadêmica no mundo digital: a difusão massiva dos volumes de periódicos e, conseqüentemente, de pesquisas de ponta. Assim, se por um lado os volumes, ao se tornarem digitais, ampliaram o acesso ao conhecimento, por outro criou-se um espaço de tensão e lutas entre a lógica econômica (propriedade intelectual/mercado) e a do acesso livre. Campo em disputa e expansão, os periódicos científicos, ao entrarem no mundo digital, saíram de seus nichos tradicionais e provocaram transformações na forma da pesquisa bibliográfica e nas práticas de leituras, afinal, com a abundância textual, dificilmente se lê um volume todo – em geral, se faz busca por assuntos e *download* de arquivos em específico, sendo alguns pagos, outros gratuitos. Nessa nova ordem, além da questão financeira, surgem, também, novos desafios, como, por exemplo, a biblioteca deixar de ser o único lugar de preservação do patrimônio escrito; a comunicação muitas vezes ser regida pelo inglês, língua que predomina na maioria das revistas no processo de submissão e publicação de artigos; e o advento de novas formas de busca de temas de pesquisa, em especial por palavra-chave. Para Chartier, portanto, essa reorganização das práticas no mundo digital acabou por ampliar a cultura de escritos, criando leitores e leitoras que convivem com a escrita manual, impressa e digital. Cada uma, com suas particularidades e códigos específicos, nos proporciona múltiplas experiências no mundo das letras e das pesquisas.

Retomo essas reflexões de Chartier, pois embora sejam mais recentes e já sistematizadas em uma análise histórica, expressam várias etapas pelas quais de fato passamos quando iniciamos o processo de transição do papel para o formato digital. Qual plataforma escolher? Como seria o acesso? Livre? Ficariam os sócios e as sócias da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos satisfeitos/as com os resultados? E os números antigos? Como juntar a todos e digitalizar? Diante dessas dúvidas, seguramente o trabalho de equipe foi essencial.

Foram inúmeras reuniões com programadores, bibliotecários, ex-editores/as da *Classica*, membros do conselho editorial, colegas que estavam organizando os dossiês, para, enfim, apresentarmos aos sócios e sócias da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, em 2013, em Brasília, a primeira versão da *Classica* em seu formato digital.

A versão a que os leitores e as leitoras têm acesso hoje foi aprimorada e ampliada pelos trabalhos coordenados pelo editor e editoras seguintes (Jacyntho Brandão, Tatiana Ribeiro e, atualmente, Luisa Severo Buarque de Holanda). Ou seja, depois da primeira versão que apresentamos em 2013, muita coisa mudou, pois foi necessário ajustar o sistema, reestruturar o conselho editorial, digitalizar e disponibilizar os números antigos que faltavam para que a *Classica* estivesse totalmente *on-line*, como de fato está hoje, a um clique de distância de qualquer pessoa, facilitando imensamente a vida dos e das pesquisadores/as.

Por ser de acesso livre, talvez o clique de distância, a que a juventude hoje está tão habituada, seja um aspecto interessante para quem tinha que recorrer às versões em papel para produzir um texto como esse. Embora a leitura do volume publicado possa ser descontínua, como afirma Chartier, o acesso é muito simples e rápido, encurtando distâncias temporais, realizando reencontros com a História. Com um clique, por exemplo, cheguei a 1988, momento em que o primeiro número saía com a seguinte missão, segundo a comissão editorial:¹

A revista CLASSICA foi projetada para servir de órgão oficial da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – veículo oficial de difusão da produção científica de seus membros e do meio profissional, entre nós e, por outro lado, instrumento de uma ação de fomento e apoio, no campo. Assim, além da publicação de pesquisa original, almejaríamos desenvolver um programa preocupado com questões teóricas e metodológicas e com a atualização em diversos segmentos, dando especial ênfase à bibliografia.

O “passo inicial”, como a comissão afirma na sequência e, apesar de várias dificuldades financeiras da época, chegou às mãos dos leitores e leitoras. E segue firme até hoje, em outro formato, o digital, com algumas dificuldades inerentes a seu tempo, mas com esse espírito de difusão de estudos de ponta, inéditos, de relevância teórico-metodológica, da área de estudos sobre o mundo antigo. Hoje, trinta anos depois, penso que os volumes da *Classica* são, também, parte da memória da profissionalização da área no Brasil, símbolo de persistência e resistência, pois, diante de tantos desafios, segue sendo uma referência ímpar: criada a partir de uma perspectiva inovadora, já nasceu interdisciplinar, e manteve suas características iniciais, não se restringiu ao mundo greco-romano, incluindo vários outros povos do mundo antigo.

¹ Na ocasião Daisi Malhadas era presidente da SBEC e a comissão editorial era composta por José Cavalcante de Souza (presidente), Filomena Hirata Garcia, Norberto Luiz Guarinello e Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses.

Nesse sentido, creio que um ou uma jovem estudante do mundo antigo ou curioso/a que navegar pelo site da *Classica* hoje, mesmo que seja em seu celular, e fizer uma leitura descentrada, descontínua, de busca por palavra-chave, não tem como não perceber que há ali, entre os textos, parte da história da produção científica dos estudos sobre a Antiguidade no Brasil. Os artigos são variados, em diferentes idiomas, escritos por brasileiros e estrangeiros, jovens ou experientes pesquisadores/as, professores ou professoras que nos inspiraram, mas que já não estão mais entre nós, legando-nos generosamente suas ideias por meio dos textos publicados. Isso sem contar os editoriais: ali temos parte da história do Brasil recente. Não são incomuns comentários sobre a situação política, sobre as crises econômicas. A *Classica* foi concebida como a revista da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, filha direta da redemocratização e ampliação das universidades públicas do país. Seus volumes são sobre as diversas facetas do mundo antigo – filosófico, literário, material, histórico –, mas sua publicação atravessa reveses e lutas de todos e todas que participaram ativamente, direta ou indiretamente, de sua elaboração. Sua história, portanto, não poderia ter sido diferente: coletiva, algumas vezes tensa, mas sempre colaborando com a ampliação e a divulgação da área no país.

E que assim siga, na imensidão digital, registrando parte da produção científica brasileira sobre o mundo antigo, em diálogo com colegas, leitores e leitoras de várias partes do mundo. Que sempre represente a memória dos membros da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, seus ideais, reveses, lutas e conquistas, que se abra a novas ideias e formas, que permita múltiplas leituras e novas pesquisas, que sempre torne o conhecimento de qualidade acessível, que resista às intempéries e que siga viva por muitas e muitas décadas mais!

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. “Libros y lecturas. Los desafios del mundo digital”. *Revista de Estudios Sociales*, 64, p. 119-24, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7440/res64.2018.09>.

RIBEIRO, Ana Elisa. “Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, 47, p. 97-118, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018475>.